

# I

## Diálogo luso-brasileiro imaginário entre dois escritores dessa nova geração

**Ercília Macedo-Eckel**

Daniel Galera: Prazer em conhecê-lo pessoalmente, cara. Bem-vindo a POA (Porto Alegre). Estamos no centro histórico. Essa é a antiga Rua da Praia que você está vendo repleta de vendedores ambulantes, camelôs, como os chamamos aqui no Brasil. Porém é uma rua fantástica por ocasião da Feira do Livro. Hoje se chama Rua dos Andradas, com aquela livraria ali, do mesmo nome. Acolá podemos ver a Casa de Cultura Mário Quintana, o poeta gaúcho das coisas simples. Pensei em levar nosso papo literário nesse Mundo da Fatia, da década de 50.

Pedro Almeida Vieira: Aqui teria sumo de abacaxi ou ananás?

Daniel Galera: Garçom, por favor, suco de abacaxi.

Pedro Almeida: Galera, dei uma vista de olhos em seu *Barba ensopada de sangue* – cujo tema é a busca da identidade pessoal, em que o protagonista busca o reconhecimento do próprio rosto e o das demais pessoas com quem convive.

Daniel Galera: Pois é. Por isso criei um protagonista sem nome, sem dimensão de poder e de vida. É identificado por sua posição social e profissional: “atleta”, “professor de educação física” “nadador”, “neto de Gaudério” e, mais no final, “náufrago”. Invocações que ele parece ter aceitado: Não se mobilizou para evitá-las.

E você, Pedro, construiu um diabo-narrador em seu romance histórico *Corja maldita*, sobre a expulsão dos jesuítas, entrecruzando diálogos metaficcionalistas fantasiosos no “Interludium”, entre o padre Gabriel Malagrida e o referido diabo. E, com esse recurso, contesta a visão histórica oficial da expulsão dos jesuítas e da extinção da Companhia de Jesus em Portugal, Espanha e França.

Eu, o autor Pedro Almeida, transvestido de repórter do “novo jornalismo”, de wormhole, não garantiria a integridade do tempo cronológico, a cobertura direta dos fatos ocorridos no século XVIII, em linguagem contemporânea, mas apenas a veracidade dos fatos – não tão transparentes na história oficial.

Daniel Galera: Que recurso fantástico!

Pedro Almeida: Eh! Mas em decorrência, um jesuíta acaba de me processar como herético. Pode acontecer de *Corja maldita* sair do mercado editorial, ou ter seus exemplares destruídos pela guilhotina. Um contrassenso: O requerente jesuíta não estaria morto há mais de 250 anos?

Daniel Galera: E também a ordem foi extinta pelo papa Clemente XIV, em 1773. Entretanto, agora, temos o papa Francisco, um jesuíta humilde e popular. Você acha que a providência cautelar por parte de outro jesuíta, em Lisboa, contra seu romance (*Corja maldita*) será retomada, ou terá melhor compreensão? Sua obra é acusada de conteúdo herético e de transcrições de conversa sem autorização (desse requerente) que recusa ser identificado.

Pedro Almeida: Falemos de você. Li em “Meus livros- veja.com” e em “cinepayers” que sua *Barba ensopada de sangue* será adaptada para o cinema e rodada pelo realizador Karim Ainouz no final desse ano de 2013. Aliás, narrativa tão detalhista e visual só deveria ter esse fim. Além do que já se sabe ter você os direitos autorais desse romance vendidos para os países da Europa e para os Estados Unidos. Imagino que isso também se deve, ou seja facilitado, pelas traduções que você faz de livros das novas gerações, de autores ingleses e norte-americanos.

Você é daqui de Porto Alegre?

Daniel Galera: Muita gente pensa que sou de POA, mas nasci em São Paulo (13/7/79), passei grande parte de minha juventude em Porto Alegre, vivi em Garopaba – Santa Catarina, novamente em São Paulo e agora voltei para POA.

Pedro Almeida: Ah! Então esse seu conhecimento de Garopaba e balneários da região parece ter contribuído para a fusão do protagonista esportivo com a natureza local. E dessa forma a natureza também é personagem. Senti, ao ler essa obra, um vazio imenso no espaço deslumbrante e dentro do “atleta” sem nome. Vazio esse dividido com alguns objetos, como videogame e fotos do “catálogo afetivo”; com os moradores mais antigos da cidade, com a garçonete e seu filho (dela) pequeno, com alunos de natação, um budista e a secretária de agência de turismo. Mas, sobretudo, um vazio dividido com a cachorra Beta, natureza e animais. Geográfica e psicologicamente.

Daniel Galera: Tenho percebido que, além de ser um estudioso do século XVIII e de escrever romances históricos, você alimenta um fascínio pela área de biologia, natureza e meio ambiente. *NO vermelho e o negro*, 2006, você aborda os incêndios florestais em Portugal, nos últimos 25 anos, deixando os desmatamentos aqui na Amazônia morrendo de inveja

Houve intenção específica de estruturar *Corja maldita* em nove capítulos? Nove pareceu-me ter um significado simbólico de fim e, ao

mesmo tempo, de recomeço, de mudança – para a totalidade e plenitude. Indefinidamente. E por que o título?

Pedro Almeida: Quase todas as desgraças ocorridas no reino eram creditadas aos padres jesuítas. E esse era um dos vários insultos utilizados contra eles em Portugal, no Iluminismo, no tempo das “Luzes” ou da razão anticlerical de Pombal – que aproveitou o Terremoto de Lisboa e, talvez, com a ajuda do diabo, fez a limpeza, a purificação e a reconstrução de meu país. Vários nobres e metidos a aristocratas foram executados e a poderosa Companhia de Jesus, desmantelada. Muitos jesuítas terminaram na fogueira ou executados no garrote. O Rabudo narra muita coisa, tintim por tintim na *Corja maldita*, pois deixo a palavra com ele. Como você deve ter percebido, meu diabo tem mais apelidos que seu “atleta”: Azucrim, Beiçudo, Canhoto, Dianho, Excomungado, Fute, Barzabu, Chavelhudo e cerca de mais vinte apelidos. Ou como na Bíblia: Besta, Satã, Lúcifer. Apelidos esses (“de A a Z”) dados pelo padre jesuíta Malagrida.

Praticamente eu retomo meu romance anterior *O profeta do castigo divino*, 2005, onde narro a execução do jesuíta Gabriel Malagrida – o “doido varrido”, segundo Voltaire. E exponho seu diálogo de defunto (dele Gabriel e de seus ossos) com o diabo provocador.

Quanto ao significado de o romance conter nove capítulos, eu diria que nove é o número do céu e da “plenitude”, como na esfera de Dante... Mas também poderia ser as três faces triangulares de Lúcifer. Ou seja: ordem dentro da ordem no final; ou a desorganização dos “anjos” em nove capítulos. Que pensa você?

Daniel Galera: Miguel Real (In: Das Culturas, 28/7/2010) diz que você promove a transgressão estética do romance histórico clássico à grande ousadia literária. Altera a história fatural da expulsão dos jesuítas de Portugal, Espanha, França e a extinção da Ordem de Jesus e, ao usar a metaficção historiográfica, urde “as diversas interpretações possíveis”.

Pedro Almeida: Já no primeiro capítulo, o diabo aponta para o leitor o processo de construção da narrativa e apresenta a ele os principais personagens dessa obra subversiva contra Deus, a Igreja e a História oficial. Utilizo o recurso da metaficção historiográfica, um tipo de ficção, cuja fronteira entre o romance e a história é difícil de se estabelecer. Uma narrativa desse gênero questiona verdades históricas, é reflexiva, subverte convenções. Você já leu Linda Hutcheon?

Daniel Galera: Sim. E um de meus romances, *Cordilheira*, 2008, acena para esse gênero. Muitos pensam que tal recurso é moderno, pós-moderno ou pós-estruturalista. Enganam-se. Ele vem da *Odisséia*, de Homero, de *Don Quixote*, de Cervantes – e de outros em língua portuguesa, também do passado. Aqui no Brasil, temos exemplos bem atuais de metaficção histórica, como *O homem que matou Getúlio Vargas*, de Jô

Soares, 1998; *Era no tempo do rei*, de Ruy Castro, 2007; *O chalaça*, de José Roberto Torero, 1995, dentre vários outros.

Parece que tudo vale para salvar a literatura, até a metaficção na literatura – que fala da parte fictícia da obra, discorre narcisisticamente sobre si mesma pelo que é. Ou pelo que não é: reescreve, desconstrói, satiriza vários temas, obras e seus limites estéticos, conforme as várias vozes (sem pré-conceitos) criadas pelos escritores. Brasileiros, posso citar: Paulo Rodrigues Britto, *Paraísos artificiais*, contos, 2004; Chico Buarque, *Budapest*, 2003; Cristovão Tezza, *O fantasma da infância*, 1994, dentre outros. Penso que não me enganei quanto às datas de publicação. Vale, ainda, a metaliteratura – que é a literatura falando da própria literatura, apreciando a produção literária, como são os textos ou obras de crítica.

Pedro Almeida: Nossa conversa aqui não deixa de ser uma dessas manifestações. Bastante indigesta para quem tem o estômago vazio...

Daniel Galera: Ah! Ia me esquecendo de comentar sobre a capa de sua obra com aquele crânio. Troféu de guerra ou de espiritualidade?

Pedro Almeida: É um pormenor da tela “São Jerônimo escrevendo”, do pintor Caravaggio. Ou melhor: “um plágio da capa de um romance do italiano Andre Camilleri sobre Caravaggio.” Pensei em vender milhares de livros com esse artifício \_ como diz o diabo-narrador na página 13: livros comprados apenas pelo “título pomposo ou capa atraente.” Alguns se preocupam em apontar o delito de lesa capa e, parece-me, ainda não perceberam as “mais hediondas transgressões” e heresias dentro da obra.

Daniel Galera: No meu caso, a capa não é nada sofisticada. É quase simplória e com três opções de cores: azul, verde e vermelha. Nos blogs comentam que é feia, horrível.

Pedro Almeida: Gajo, foi muito interessante nosso encontro. E o espero em Lisboa para nova conversa, levá-lo a conhecer melhor o centro histórico de minha capital, bem como visitar os pontos turísticos e culturais de seu interesse.

Daniel Galera: Muito obrigado mesmo, cara! Irei sim. E a gente continua se falando eletronicamente.